

# Apenas um testemunho

Waldemar Lopes

Meu sentimento de Brasília está impregnado de certos componentes de inveja e frustração. Gostaria de nela ter vivido as emoções dos tempos iniciais, assistido à vertiginosa materialização de um sonho secular, na solidão dos cerrados. Agrada-me, por isso, ouvir os depoimentos dos que chegaram na hora primeira, e puderam curtir sob os céus puros do Planalto o nascimento da cidade, entre as nuvens de pó, a alegria dos cidadãos, o entusiasmo dos novos bandeirantes.

Entretanto, não vim. E deveria ter vindo, pois, ao contrário de tantos outros, sempre me seduziu a idéia da mudança da capital, com uma afirmação do espírito brasileiro, ou de nossa própria consciência histórica. A essa idéia servi, durante anos, partilhando, sob a chefia de M.A. Teixeira de Freitas, da pregação em seu favor, quando mal começava a abrir caminho na indiferença e no imobilismo de tantos.

Cheguei depois de vencido o primeiro decênio de vida da cidade, e com ela de pronto me identifiquei; por mais penoso que haja sido o afastamento do convívio de velhos e queridos amigos, após mais de trinta anos de Rio de Janeiro. Lembro-me agora de uma antiga conferência do mestre Gilberto Freyre, em que ele aponta a nostalgia rural como um dos principais elementos na formação da psicologia social brasileira. Será, talvez, um fenômeno tendente a desaparecer em breve, à medida que as novas gerações sejam apenas subprodutos do acelerado processo de urbanização. Mas, seguramente ainda válido para os maiores de cinquenta anos, que não se libertaram de todo das influências de suas raízes telúricas, no Brasil no passado. É possível que nisso esteja o encanto maior de Brasília: sua capacidade de fusão do urbano e do rural; essa simbiose de funções diferentes: Capital da República, centro das grandes decisões nacionais, e, apesar disso, com seu ar de fazenda, sua lírica atmosfera de sossego e quietude, seus mágicos crepuscúulos surrealistas.

Poder-se-ia exigir da cidade que encontrei, em seus primeiros anos de vida, já houvesse modelado uma alma, estratificado uma personalidade? Certamente, não. Isto há de ser função do tempo e da História. Por isso mesmo, já se podem identificar sensíveis mudanças da Brasília que

conheci, em janeiro de 71, em confronto com a que agora festeja seu terceiro lustro.

Sempre me perguntaram amigos de outros Estados, sobretudo da Guanabara, se me satisfez a cidade, ao aqui chegar; e sempre lhes disse que sim. Ouvi queixas, muitas vezes, é certo, quanto à deficiência de suas livrarias, à escassez de suas atividades artísticas, à ausência de pontos de encontro para o "bate papo" informal de que tanto nutre, nos grandes centros, se não a literatura, em suas criações eternas, pelo menos a efêmera vida literária. Aqui já encontrei, porém, a Academia Brasiliense de Letras, a constituir o seu quadro, sob a presidência de uma figura humana das raras qualidades de Pereira Lira; a Associação Nacional de Escritores, com sua sede modesta e acolhedora, a abrir as portas, cordialmente, sob a liderança amiga de Almeida Fischer, a todos os escritores e poetas de Brasília e do Brasil. E a presença das universidades, como uma força cultural importante, pelo valor intelectual de muitos dos membros de seu corpo docente e pelo estímulo que representavam, na cidade ainda pobre de maiores atrações desviadoras, para o retorno ao estudo de tantos que dele viviam afastados havia anos. O resto viria com o tempo. E está vindo.

Disso a imprensa é bem um válido elemento de aferição. Em 71 contava a cidade apenas um jornal diário; temos três hoje, em condições de competir, sem desdouro, em seus méritos e fragilidades, com boa parte da imprensa do resto do País. O elenco das instituições literárias ampliou-se, graças à criação, por iniciativa desse admirável poeta que é Domingos Carvalho da Silva, do Clube de Poesia de Brasília, que já promoveu dois concursos literários, lançou os primeiros livros de suas coleções de poesia e ensaio e conta iniciar ainda este ano a publicação de seu órgão oficial, a revista POÉTICA, além de mais duas ou três obras de membros de seu quadro social. Outras realizações virão a seu tempo. Sabemos que é preciso estar alerta contra a impiedosa vigilância dos que não fazem nada, e são, por isso, os mais rigorosos na crítica aos que fazem alguma coisa sob a orientação entusiástica de Alan Viggiano, a Associação Profissional dos Escritores vai vencendo os obstáculos e consolidando-se gradativamente. Um

ponto negativo a assinalar, nesses quatro anos: a morte dos suplementos literários.

A ação supletiva do Estado — do qual mais se deve exigir no caso de cidades como Brasília — esteve presente sempre, através das promoções da Fundação Cultural. Dessa, sem dúvida, a principal terá sido a dos Encontros Nacionais de Escritores, sobretudo pelo aspecto humano do convívio que nos proporcionaram, cada ano, com os companheiros de diferentes partes do Brasil, reunidos em Brasília para um saudável intercâmbio intelectual.

Não se pode deixar de reconhecer a importância que teve, no ano passado, a realização parcial do curso sobre o tema "Visão Global da Literatura Hispano-americana", promovido pela Associação e o Clube, e que se espera seja concluído este ano, se não nos faltar — como certamente não faltará — a cooperação das representações diplomáticas que dele ainda não participaram.

E aqui se evidencia um novo aspecto da mudança operada no cenário intelectual de Brasília, no curto período a que corresponde minha vivência: a chegada, nesse período, dos membros daquelas representações, em cujos quadros se podem encontrar tantos nomes expressivos das letras e da cultura de seus países. É o caso, por exemplo, do argentino Ruben Vela, do uruguai Carlos Manini-Rios, do búlgaro Rumen Borislavov Stoyanov — para citar apenas três dos que mais se identificaram com os poetas e escritores de Brasília, passando a fazer parte, fraternalmente, de sua pequena comunidade.

Não participarei por muitos anos — HÉLAS! — do futuro de Brasília, mas acredito em sua irreversibilidade, em sua progressiva afirmação no contexto brasileiro. Uma dúvida confesso: custumei crer se consiga manter, pelos tempos adiante, ao menos razoável fidelidade à conceção ideal de Lúcio Costa, quer em sua filosofia, quer em sua materialização, apesar dos valores plásticos com que foi esta última enriquecida pela imaginação criadora de Niemeyer. O sonho de um artista genial, como é o caso de Lúcio, é construção artificial, no terra a terra das miúdas realidades humanas. E sempre nos ensinou a sabedoria dos séculos: mata-se o natural, ele volta a galope.

